

# Editorial

## EJA em tempos de empreendedorismo e seus discursos

DOI: <https://doi.org/10.35700/2317-1839.2024.v13n23.4915>

**Ivelã Pereira**

*Doutora em Linguística - UFSC*

*Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO*

*E-mail: [ivelapereira@gmail.com](mailto:ivelapereira@gmail.com)*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7840-0678>*

Partindo de um lugar de fala como professora da EJA há alguns anos no Instituto Federal de Santa Catarina, pude observar algumas mudanças no perfil dos alunos da modalidade. É fato que a característica de serem “trabalhadores” continua prevalecendo, não obstante as mudanças sociais, culturais e históricas pelas quais passamos nos últimos tempos. Por outro lado, há idiossincrasias que se firmaram no pós-pandemia, como a “juvenilização” dos alunos da EJA, processo que, embora já estivesse ocorrendo antes de 2020, acabou por se intensificar no período pós-pandêmico, quando uma porcentagem de sujeitos adolescentes não conseguiu se adaptar às aulas no formato de “atividade não presencial” e optou por finalizar o ensino básico presencialmente na EJA, após o *lockdown*. Já há pesquisas sobre o tema, inclusive publicadas na revista em edições anteriores a esta, mas parto aqui de uma experiência pessoal como professora da modalidade, que pôde captar relatos nesse sentido.

A temática que intencionamos abordar aqui neste editorial é acerca de uma peculiaridade percebida nos últimos anos no público da EJA, a qual, por sua vez, está em intersecção com o contexto histórico e cultural que experienciamos hoje: o discurso (e a vivência) do empreendedorismo. Apesar de não ter encontrado ainda dados sistematizados sobre o tema (sendo, inclusive, uma pauta interessante para pesquisadores da área), os educadores da EJA conseguem notar que uma parcela de estudantes dessa modalidade, de uns anos para cá, tem passado por uma mudança significativa no que tange a sua relação com o trabalho. Se antes esses alunos eram empregados de grandes e pequenos empresários, com trabalho regulamentado pelo

regime de CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), ou até mesmo autônomos sem regularização trabalhista, hoje há um número de alunos da EJA que atuam como empreendedores, prestadores de serviços, fazendo sua própria carga horária, de forma a trabalharem como microempreendedores individuais (MEI) ou pessoa jurídica (PJ). Ou seja, muitos alunos da EJA passaram por esse processo de mudança de vivência trabalhista, e isso acaba por se refletir em muitas esferas, inclusive em sua relação com a educação formal.

Com base nessa constatação como docente da EJA, ainda que não tenhamos tido acesso a dados sobre a questão, podemos rascunhar algumas reflexões, como: (i) quais são os efeitos dessa mudança de paradigma trabalhista entre uma parte dos alunos da EJA em relação ao seu discurso em sala de aula? (ii) De que maneira(s) o educador da EJA pode considerar esse novo contexto ao trabalhar com temáticas importantes nessa modalidade de educação, como direitos trabalhistas, sindicalismo, pautas coletivas de trabalho e outros temas? (iii) Como adequar/adaptar a tão significativa pedagogia freiriana para a EJA, centrada na classe operária e suas questões, nesta nova conjuntura que se estabelece na contemporaneidade?

Não objetivamos trazer exatidão nas respostas para as perguntas, mas sim levantar esses pontos para que os educadores da EJA, em coletividade, mobilizem-se na execução de pesquisas sobre o tema, além de pensarem em estudos e formações em congressos, cursos de curta e longa duração, bem como no que se refere à formação básica em licenciaturas. Queremos defender, portanto, a indispensabilidade dos educadores e militantes da EJA levarem em consideração essa realidade do discurso empreendedor e sua vivência que se impõe.

Assim sendo, a fim de fomentar a discussão sobre como se insere, na educação de jovens e adultos, a temática do empreendedorismo e seus discursos, traremos o posicionamento de alguns pesquisadores. É necessário elucidar que alguns desses autores não tratam especificamente sobre a EJA, focalizando mais o discurso do empreendedorismo na sociedade contemporânea, em si. Porém, estabeleceremos as relações necessárias, considerando que o paradigma do empreendedorismo está posto e inserido no contexto da educação de jovens e adultos, queiramos ou não, aceitemo-lo ou não.

Nesse sentido, Carmo *et al.* (2018) fazem uma análise crítica do discurso do empreendedorismo a partir de diálogos com conceitos abordados por Paulo Freire (sobretudo em "Pedagogia do Oprimido"), tal como o de "educação libertadora", entre outros. Os autores fazem uma ponderação interessante sobre a relação entre o discurso do empreendedorismo e o sistema neoliberal ao explicar que:

**Os discursos sobre o empreendedorismo, pautados por uma racionalidade neoliberal, apregoam o estímulo à competição e ao individualismo**, dentre outros valores mercantis como forma de alcançar o "sucesso" (Dardot; Laval, 2016). O sistema neoliberal estabelece um

universo de competição generalizada, que intima assalariados e a população a entrar em uma luta econômica uns contra os outros, ordenando as relações sociais segundo os moldes do mercado, que é capaz de justificar qualquer tipo de desigualdade, mesmo as mais profundas (Dardot; Laval, 2016). Satisfazer os imperativos desses valores mercantis torna-se completamente desconectado de um objetivo relacionado ao bem comum, o bem público. Quando tudo passa a ser regido pelos valores do mercado, pela rentabilidade e produtividade, ocorre uma crise na sociedade atual, que culmina no individualismo, e nessa situação, é impossível enxergar o outro como seu semelhante (Venner; Schwartz, 2015). Nesse sentido, se torna cada vez mais difícil que o empreendedor se reconheça como oprimido, lute por um mundo de iguais e resista a uma sociedade classista, uma vez que está engajado em atender aos estímulos da competição. (Carmo *et al.*, 2018, p. 58, grifos nossos).

É justamente esse ponto basilar da relação intrínseca entre o empreendedorismo e o pensamento neoliberal voltado para o individualismo que se constitui como uma problemática para o educador da EJA. O sujeito trabalhador, em tal conjuntura, passa a valorizar pautas que antes eram do patrão, deixando de lado algumas lutas coletivas por melhores condições de trabalho para a classe operária.

Nesse contexto, quando um estudante da EJA sai da condição de empregado para se tornar um microempreendedor, seu discurso passa por uma transformação, apesar de o sujeito que estuda na EJA estar, ainda, em um grupo minorizado, por não ter finalizado a educação formal no final da adolescência, como é esperado no padrão da sociedade. Ou seja, nessa mudança de paradigma de trabalho, estabelece-se um paradoxo: ao mesmo tempo em que o aluno da EJA alcança a função de chefia de outros empregados ou de atuar como seu próprio patrão, estando num patamar que antes não era comum às classes sociais mais baixas, tal estudante ainda se encontra numa posição marginalizada, haja vista a não finalização dos estudos em tempo padrão. Assim, o discurso do empreendedorismo, antes comum a classes sociais mais privilegiadas, passa a respingar na fala e na vivência de alunos que estão estudando na modalidade da EJA, não obstante esses alunos ainda não constituam (ainda) classes sociais mais elevadas.

Mas o leitor pode se perguntar: então, em que consiste a problemática se considerarmos que a mudança no paradigma de trabalho do aluno da EJA lhe possibilite alguma ascensão social, antes inviabilizada por sua situação de operário? A resposta para isso é que não se trata de “demonizar” o discurso do empreendedorismo, nem desmerecer o progresso financeiro que pode ocorrer na vida do trabalhador em regime de MEI ou PJ, mas sim de perceber algumas das ilusões e “ciladas” que tal discurso e discursos adjacentes podem disseminar na sociedade.

Uma dessas “ciladas” é o viés do individualismo sabiamente apontado em Carmo *et al.* (2018), além da reflexão sobre o quanto esses discursos se aproximam de uma concepção bancária da educação, tão criticada por Paulo Freire em suas obras. Nesse

sentido, cabe a questão: como se dá essa prática da educação bancária nos discursos de empreendedorismo? Conforme os autores já citados:

**Nas receitas de como empreender não há lugar para os saberes advindos da experiência de cada um. O trabalhador é colocado em uma posição de ignorante, aquele que não possui o saber necessário, até que comece a se preparar para ser um empreendedor.** São os "gurus" do empreendedorismo os verdadeiros detentores do saber. Uma legítima amostra de como a concepção bancária da educação criticada por Freire (1987) se aplica e se reproduz no meio do empreendedorismo. O conteúdo é desenvolvido longe da realidade dos sujeitos, se resumem em palavras ocas e alienantes e resta ao educando (no caso o empreendedor) memorizar seus conteúdos (Freire, 1987). É impossível e invisível se apropriar de um saber de maneira distante, neutra, deixando intacto o que até então era para si uma norma, um valor (Mailliot; Durrive, 2015, p. 168). É exatamente ao caráter alienante de uma formação empreendedora normativa, imposta ao empreendedor por meio das prescrições disseminadas nos discursos do empreendedorismo, que se quer aqui dirigir a crítica. (Carmo *et al.*, 2018, p. 60, grifos nossos).

A partir disso, o sujeito da EJA que consome os conteúdos dos referidos "gurus do empreendedorismo" corre o risco de reproduzi-los sem o devido senso crítico, além de reiterar atitudes opressoras em relação aos seus empregados, na busca por um lucro desenfreado e acima de tudo. Para além disso, como já apontado em Lima e Oliveira (2021), o discurso do empreendedorismo é muitas vezes usado como justificador para o trabalho informal e precarizado.

O discurso acerca das "vantagens do empreendedorismo" se soma ao "discurso único" do neoliberalismo, fazendo-se presente não apenas no setor empresarial, mas também na esfera governamental e, em certa medida, entre os próprios sindicatos dos trabalhadores. Esses se vêem sob os desafios de enfrentarem o desemprego estrutural decorrente do fechamento de postos de trabalho, o acirramento da competição pelos postos remanescentes, o crescimento do individualismo entre os trabalhadores e o esvaziamento das formas de ação e negociação coletivas. São desafios que surgem em meio a impactantes transformações na base técnica e nos padrões organizacionais das atividades produtivas, com suas novas exigências de qualificação e habilidades comportamentais no processo de trabalho. (Lima, Oliveira, 2021, p. 908)

Estando aliado ao neoliberalismo, o empreendedor acaba por tomar para si o discurso capitalista, que traz em seu bojo muitos problemas para o trabalhador comum, que não dispõe de investimentos ou patrimônios herdados. Ademais, como bem mencionado pelos pesquisadores, uma problemática que se impõe é o processo de esvaziamento da ação coletiva e das possibilidades de resistência dos trabalhadores. Com isso, os sindicatos e coletivos de trabalhadores acabam perdendo força, ao passo

que as pautas individuais são priorizadas, além de, no próprio sindicalismo, estar impregnado esse discurso do empreendedorismo.

Para Oliveira e Lima (2021, p. 909), por trás desse discurso do empreendedorismo, há uma "lógica neoliberal de individualização e segmentação dos trabalhadores, rebaixando custos para o capital a partir da precarização das relações de trabalho." Embora, num primeiro momento, o trabalhador não perceba tais problemas, eles vão se solidificando com o passar dos anos, produzindo efeitos negativos para a classe trabalhadora.

Justamente no sentido de criticar o neoliberalismo e seus efeitos na sociedade contemporânea, é que o sociólogo Dubet (2024), em "O tempo das paixões tristes", faz a apresentação do neoliberalismo como responsável pela intensificação das "paixões tristes", isto é, pelos sentimentos de cólera e revolta oriundos de um novo sistema de desigualdade social. Sobre isso, a hipótese de Dubet (2024) é a seguinte:

**[...] mais do que a amplitude das desigualdades, é a transformação do sistema de desigualdades que explica as cóleras, os ressentimentos e as indignações dos nossos dias.** As desigualdades, que antes pareciam incrustadas na estrutura social, num sistema tido como injusto, mas relativamente estável e compreensível, agora se diversificam e se individualizam. Com o declínio das sociedades industriais, elas se multiplicam, mudam de natureza, transformando profundamente a experiência que temos delas. A estrutura das desigualdades de classe se difrata numa quantidade de provações individuais e de sofrimentos íntimos que nos encham de cólera e nos indignam, sem ter - por hora - outra expressão política senão o populismo. (Dubet, 2024, p. 8, grifos do autor).

Mas como estabelecer uma relação entre o que é apontado por Dubet (2024) e o discurso do empreendedorismo presente na sociedade contemporânea? A nosso ver, estão interligados pelo fato de que o trabalhador que não alcança o sucesso almejado pode cair na falácia neoliberal de acreditar que o problema reside tão somente em si, pois não é competente o suficiente, ou não trabalhou suficientemente, levando-o a dedicar mais inumeráveis horas de trabalho, aceitar situações precárias de trabalho e julgar que outros trabalhadores devam fazer o mesmo. Afinal, a responsabilidade do fracasso estaria no próprio trabalhador que não se dedicou como deveria, e não na estrutura social desigual que nos cerca em séculos de história. Há, portanto, um "esvaziamento da ação coletiva" (Lima e Oliveira, 2021) e uma responsabilização ao indivíduo isoladamente pelos seus fracassos.

Assim, a união entre esse discurso e suas adjacências neoliberais é responsável por um sentimento de indignação em relação, por exemplo, à democracia, gerando total descrédito nas instituições governamentais ou organizações que lutam por pautas coletivas importantes e, de modo geral, por justiça social. É como se o ditado popular "cada um por si, Deus por todos" se materializasse de tal forma em nossa

contemporaneidade a ponto de não haver espaço para revoluções ou esperança de futuro melhor para a coletividade.

Isso não significa que o discurso do empreendedorismo seja o responsável por todos os problemas que se apresentam no capitalismo. A questão da “economia solidária”, por exemplo, que apresenta vieses de coletividades e agroecologia, está um tanto pautada no referido discurso. Além disso, para Carmo *et al.* (2018, p. 62), “enxergar o ‘empreender’ como uma atividade humana pode ser o começo de um distanciamento da educação bancária”.

Nossas reflexões terminam por aqui e ainda não trazem respostas para as questões que nos colocamos no início deste editorial, contudo, objetivamos que os educadores da EJA se lancem neste desafio de pensar estratégias de solidificação do pensamento crítico de seus educandos, os quais, assim como nós, também estão imersos nesses discursos que surgem na sociedade contemporânea. Nesse sentido, convidamos os leitores e autores da revista a pensarem em pesquisas sobre essa temática e submeterem-nas para a publicação em edições futuras na revista.

Em tempo, todos os textos que se apresentam nesta edição foram avaliados por pares às cegas, garantindo a qualidade das publicações que aqui se apresentam. Desejamos a todos uma ótima leitura!

## REFERÊNCIAS

- CARMO, L. J. O; GOMES JÚNIOR, A. B.; GOMES, P. A.; ASSIS, L. B. Paulo Freire, ergologia e os discursos do empreendedorismo. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (RPCA)**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, jul./set., 2018, p. 51-64.
- DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUBET, F. **O tempo das paixões tristes**. Tradução de Mário Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2024.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- LIMA, J. C.; OLIVEIRA, R. V. O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário. Contemporânea. **Dossiê Alternativas Infernais: uma análise sociológica**, v. 11, n. 3., set.-dez. 2021, p. 905-932.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.